

A História de São José do Rio Pardo a partir de seus patrimônios culturais

Bárbara Marques
Antônio Gilmar Mangussi Filho
Ricardo Souza



*Ponte Metálica de São José do Rio Pardo
Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho*

A História de São José do Rio Pardo a partir de seus patrimônios culturais



Pedro & João
editores

Bárbara Marques
Antônio Gilmar Mangussi Filho
Ricardo Souza

A História de São José do Rio Pardo a partir de seus patrimônios culturais



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Copyright © Autora e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora e dos autores.

Bárbara Marques; Antônio Gilmar Mangussi Filho; Ricardo Souza

A História de São José do Rio Pardo a partir de seus patrimônios culturais.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 40p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1591-4 [Digital]

1. São José do Rio Pardo. 2. História. 3. Patrimônios culturais. 4. Cultura. 5. Turismo. I. Título.

CDD – 900

Capa: Luidi Belga Ignacio

Arte da capa: Ponte Metálica de São José do Rio Pardo. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria de Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal de São José do Rio Pardo, que, por meio da Execução da Lei Paulo Gustavo, Através do Edital de Chamamento Público n.º 02/2023 “Demais Áreas”, concedeu-nos os recursos para que este trabalho fosse realizado e executado, após rigoroso processo de seleção.

Por fim, agradecemos às nossas famílias, amigos e pessoas que fazem parte de nossa caminhada. Ademais, esta obra é uma construção coletiva, que tem a participação de cada Rio-pardense em sua elaboração, já que todos as pessoas são, também, construtores da História. A todos vocês, o nosso muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
BREVE HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO	13
O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL?	19
PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO	21
Antiga Casa de Câmara e Cadeia (Museu Riopardense Arsênio Frigo) e Fórum (atual biblioteca municipal)	21
Estação ferroviária	24
Cabana de Euclides da Cunha	26
Casa Euclidiana	28
Mausoléu de Euclides da Cunha	30
Ponte Metálica	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O objetivo desta obra é apresentar o rico patrimônio cultural rio-pardense, cuja existência permeia a vida de seus cidadãos ao longo da História. São eles: Estação Ferroviária Central, Ponte Metálica, Casa Euclidiana, Cabana de Zinco e Mausoléu de Euclides da Cunha, antiga Casa de Câmara, Cadeia (Museu Rio-pardense Arsênio Frigo) e Fórum (Biblioteca Municipal). A partir disso, buscar-se-á, neste trabalho, apresentar como esses patrimônios culturais e paisagens, de certa forma, atravessam parte da cultura popular e das vivências das localidades onde eles estão localizados, conferindo identidade aos moradores e, também, desenvolvendo os sentimentos de pertencimento à comunidade.

A história não é apenas a ciência que se debruça sobre o passado a fim de trazer elementos aleatórios para saciar a curiosidade do presente, mas sim, um campo do saber que por meio dos fatos e de suas inúmeras interpretações nos ajuda a elucidar o momento atual. Todas as pessoas e lugares são dignos de terem suas histórias lembradas, uma vez que tal premissa é a base para uma sociedade mais justa e igualitária. Desta forma, ao historicizar e difundir a história de um município - como no caso de São José do Rio Pardo, a partir de seus patrimônios culturais - podemos ter uma melhor contextualização de suas relações com outros entes federativos, de sua inserção dentro da história regional, inter-relacionando-o com outros níveis. Ao se fazer isso, incute-se no cidadão o apreço pela salvaguarda de sua memória e de sua história.

Nisso, abordar perspectivas duma História de cunho nacional é, em si mesma, incompleta, pois não consegue abranger todas as peculiaridades que perpassam as diversas regiões de nosso Brasil. Cada pedaço de terra ou conjunto de pessoas que se organizam em uma região é dotado de tamanha complexidade que uma visão generalista, ainda que extremamente relevante, não é capaz de

esmiuçá-la. Dessa forma, apresentar a História, tal qual é o apresentado nesta obra, surge como uma perspectiva que tem o potencial de nos permitir enxergar as complexidades que se manifestam em determinada região, complementando lacunas e/ou enfatizando aspectos que, em uma visão maior, poderiam ser ignorados ou relegados ao segundo plano. Esse movimento pode trazer à tona várias outras áreas do conhecimento e de experiência que trarão diferentes estruturas de abordagem.

Ao difundirmos os patrimônios culturais de São José do Rio Pardo, desenvolve-se também a Educação para o Patrimônio, que é uma espécie de “alfabetização cultural”, pois possibilita que os indivíduos façam a leitura do mundo que o rodeia, levando-os à compreensão da dimensão sociocultural e da trajetória histórico-temporal na qual estão inseridos nele. Preserva-se e difunde-se o que se conhece, e esse é o objetivo deste projeto. Ademais, os conhecimentos trazidos ao nível local, amiúde, levam ao crescimento da autoestima dos indivíduos e das comunidades e à valorização da cultura produzida e vivenciada. Para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, o E-book possui uma seção de “Jogos para o Patrimônio”, onde o leitor desta obra poderá aprender mais sobre os bens a partir de um caça-palavras e uma cruzadinha.

Para construção desta obra fizemos pesquisa documental em fontes históricas junto ao Museu Rio-pardense Arsênio Frigo, à Biblioteca Monteiro Lobato, aos Dossiês de Tombamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo-Condephaat, à bibliografia e às pesquisas acadêmicas sobre São José do Rio Pardo, além, é claro, de outras fontes de acesso à História Regional.

Por fim, este mergulho na importância sociocultural dos bens culturais elencados, buscará, neste material didático, divagar como esses bens culturais são dotados, também, de simbolismos, da conjugação de saberes e experiências, de relações afetivas e de identidade com os munícipes de São José do Rio Pardo. Difundir estes bens poderá contribuir para que as atuais e futuras gerações

possam protegê-los no que tange à memória, à arquitetura, aos seus acervos, ao meio ambiente e à confluência sociocultural que eles possuem.

Esperamos, acima de tudo, que esta obra seja importante para a história, a memória e a educação de nossa São José do Rio Pardo. Boa leitura!

Os organizadores,
São José do Rio Pardo, 23 de outubro de 2024.

BREVE HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

Os primeiros habitantes da região de São José do Rio Pardo, claro, foram os povos indígenas, das tribos Caiapós e Catuás, mas que, segundo documentação, não habitavam em grande número, pois não havia a possibilidade de serem estabelecidas grandes agrupamentos, já que não existia grande fartura de caça e pesca na região. Ou, ainda, seu pequeno número talvez derive do bandeirantismo¹, uma vez que possivelmente haviam migrado para outras áreas.

Os primeiros povoamentos de portugueses na região do atual município remontam ao início do século XIX, quando por volta de 1815, o sesmeiro² português, Capitão Alexandre Luís de Mello, juntamente com sua família e escravaria, vindos de Minas Gerais, após o início da decadência da exploração do ouro. Ao chegarem, esses povoadores instalaram-se nas terras do vale do Rio Pardo. Depois do Capitão Melo, houve a migração de agricultores que vieram de outras províncias, principalmente do centro e sul de Minas Gerais, e fixaram suas fazendas de gado e lavouras de milho, arroz e feijão na região. Eram fortemente atraídos pela fertilidade do solo e o clima aprazível.

Segundo consta em algumas fontes, o adensamento da população de São José do Rio Pardo originou-se quando o coronel Antônio Marçal Nogueira de Barros, proprietário de vasto

¹ O bandeirantismo foi um conjunto de expedições que saíram da Capitania São Paulo em direção ao interior do Brasil, nos séculos XVI e XVIII, cujo objetivo era o de buscar metais e pedras preciosas (ouro, prata, diamante etc.), além de capturar mão de obra indígena para ser escravizada e utilizada no trabalho em engenhos de cana-de-açúcar dentre outros afazeres.

² A sesmária pode ser definida como a doação de um lote de terras, feita a partir do rei de Portugal, cuja doação dava-se a um sesmeiro. Este sesmeiro tinha a responsabilidade de cultivar terras virgens. Originada como medida administrativa nos períodos finais da Idade Média em Portugal, a concessão de sesmarias foi largamente utilizada no período colonial brasileiro.

território na região, que no ano de 1865, reuniu alguns fazendeiros locais para a construção de uma parada para pouso entre o caminho de Caconde e Casa Branca, junto ao rio Pardo. No mesmo ano foi construída uma capela consagrada a São José. A partir desse movimento, muitas pessoas começaram a construir suas casas ao redor da capela.

O distrito, pertencente a Casa Branca, foi criado com a denominação de São José do Rio Pardo, através da Lei Provincial n.º 43, de 16 de abril de 1874. Pela Lei Provincial n.º 40, de 08 de maio de 1877, o distrito de São José do Rio Pardo foi transferido do município de Casa Branca para Caconde. Foi novamente, em 1885, incorporado ao município de Casa Branca e, pouco tempo depois, elevado à categoria de município em 1886, com o nome “Rio Pardo”. Através do Decreto Estadual n.º 207, de 6 de junho de 1891, o município de “Rio Pardo” voltou a denominar-se “São José do Rio Pardo”. Isso ajuda a nos mostrar a devoção à figura de São José, padroeiro do município.



Imagem 1: Coronel Antônio Marçal Nogueira de Barros (ao centro, sentado) com a família. Fonte: <https://www.migalhas.com.br/dr/pintassilgo/21088e>. Acesso em: 8 de jul. 2024.

São José do Rio Pardo, por sua localização e qualidade de solo e clima, muito se beneficiou com o crescimento da produção de café na então Província³ de São Paulo, durante a segunda metade do século XIX. A produção cafeeira na região ampliou-se mais ainda, justamente, a partir da chegada dos trilhos das estradas de ferro, nos anos 1880. Este período, que coincide com o fim da escravidão, assinala a chegada de muitos imigrantes europeus, sobretudo italianos. Esses imigrantes mediterrâneos, provenientes na maior parte do norte da Itália, vieram para substituir os ex-escravos que trabalhavam nas fazendas cafeeiras da região. Eles, posteriormente, após adquirirem certos recursos financeiros nessas propriedades, acabariam por virar pequenos proprietários em solo paulista.



Imagem 2: São José do Rio Pardo e sua localização dentro do Estado de SP. **Fonte:** Wikimédia Commons. Acesso em: 8 de jul. 2024.

A grande maioria dos imigrantes considerava o trabalho nos cafezais como passageiro. Economizavam seu pouco dinheiro durante anos, e mantinham o desejo de se tornarem proprietários

³ Até o advento da República (1889), a palavra “província” era denominada para se referir aos atuais Estados. Exemplo: Província da Bahia, Província de Minas Gerais etc.

de terras. A possibilidade de conseguir um lote dentro de alguns anos era o grande objetivo deles, já que em seu país de origem tinham poucas oportunidades semelhantes. De fato, boa parte acabou por ser tornar proprietária de terras no município. Já para boa parte ex-escravos, uma vez libertados em 1888, as oportunidades não seriam iguais. Muitos então migriaram para São Paulo e para a então capital, o Rio de Janeiro.



Imagem 3: Estação de São José do Rio Pardo, no começo do século XX. Notam-se carros de bois e carroções carregando as mercadorias. Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/sjriopardo.htm>. Acesso em: 4 de jul. 2024.

Em 11 de agosto de 1889, no final da Monarquia, os riopardenses, liderados pelos políticos ligados ao Partido Republicano Paulista-PRP, o partido for à época, foram os primeiros a romperem os laços com a Monarquia, cerca três meses antes mesmo do advento da República, que seria regime político do país a partir de 15 de novembro de 1889. Houve uma breve revolta que foi sufocada em poucos dias; porém, o acontecimento entrou para a História do Brasil devido à sua singularidade.



Imagem 4: São José do Rio Pardo no final do século XIX. Disponível em: <https://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag11.htm>. Acesso em: 30 de jul. 2024.

Outro fato histórico relevante para a memória rio-pardense e que influenciou sobremaneira a cultura local é o do estabelecimento de Euclides da Cunha, no período em que ele trabalhava na reconstrução a ponte metálica sobre o rio Pardo. Euclides foi escritor, jornalista e engenheiro, sendo o autor da obra “Os Sertões”. Boa parte da escrita da obra e da inspiração ocorreu quando Euclides morava em São José do Rio Pardo.

A multiculturalidade e os bens culturais do município são algumas das maiores riquezas do município. No decorrer do século XX, a municipalidade se desenvolveu, atraindo pessoas das mais variadas regiões, crenças, etnias e valores. São José do Rio Pardo possui um importante setor agropecuário, sendo um município que produz de “A a Z” em questão de alimentos, tendo também uma indústria crescente e um relevante setor de serviços a nível regional, que cresce dia após dia. Possui uma população residente de 52.205 pessoas, distribuídos numa área de 419,684 km².

O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL?

O conceito de Patrimônio Cultural pode ser definido como aquilo que é culturalmente relevante para as pessoas e que deve ser passado de geração a geração, isto é, é aquilo que todos têm o direito de conhecer e reproduzir o seu funcionamento. Portanto, o significado de patrimônio cultural diz respeito a uma herança compartilhada entre os cidadãos, que carrega em si aspectos referentes à identidade de dado povo, comunidade, nação etc.

Desta forma, a ideia de Patrimônio Cultural configura-se como todo o bem que preserva a identidade ou a memória social ao longo da História. Diferentes grupos humanos possuem peculiaridades no seu modo de pensar, sentir e conceber o mundo, fazendo com que tais conceitos, ditos como importantes, sejam passados e compartilhados entre todos, (re)constituindo e (re)construindo culturas distintas.

O Patrimônio Cultural pode ser definido como de forma material, na forma de construções, monumentos ou obras artísticas; ou, ainda, de maneira imaterial, tal como ideias, técnicas, saberes etc. O tombamento é o ato de reconhecimento do valor histórico, artístico ou cultural de um bem material, cuja chancela os transforma em patrimônio público e institui um regime jurídico especial de propriedade a esse bem. O ato de tombamento deve levar em conta sua função social e deve, sobremaneira, preservar suas características físicas mais importantes para a identidade de uma comunidade, protegendo-o de demolições e dilapidações, a fim de garantir o respeito à memória e à história do local. O nome tem origem em Portugal, pois era na Torre de Tombo, arquivo onde se guardavam importantes documentos da História de Portugal e suas colônias. Nisso, ficou para nós como sinônimo de preservação. Já para os bens imateriais, o mecanismo de proteção e salvaguarda chama-se Registro.

Nesta obra, conheceremos um pouco mais sobre o rico patrimônio cultural material de São José do Rio Pardo. Para podermos preservar e salvaguardar um bem, é necessário conhecê-lo. E esse é o objetivo deste e-book.

PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

Antiga Casa de Câmara e Cadeia (Museu Rio-pardense Arsênio Frigo) e Fórum (atual biblioteca municipal)

A antiga Casa de Câmara e Cadeia e o antigo Fórum de São José do Rio Pardo localizam-se lado a lado, na Praça Capitão Vicente Dias, números 9 e 33, tendo sido construídos, respectivamente, em 1886 e 1892. Eles tinham o objetivo de atender aos serviços de administração ligados à Justiça e à Segurança pública, à época.

A Casa de Câmara e Cadeia foi erigida por iniciativa de moradores locais, uma vez que era necessário viabilizar e institucionalizar a criação da Vila de Rio Pardo no final do período imperial. Já o antigo Fórum e Cadeia de São José do Rio Pardo é fruto dos primeiros espaços de uso público construídos a partir da organização funcional e de infraestrutura empreendidas após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. A edificação foi realizada a partir de projeto concebido pelo arquiteto Victor Dubugras, e tem o estilo eclético, isto é, mistura vários estilos arquitetônicos em sua composição.



Imagem 5: A Casa da Câmara e Cadeia, inaugurada quando se instalou a Vila, Data da foto desconhecida. Fonte: São José online. Disponível em: <https://www.saojoseonline.com.br/cidade/historia.htm>. Acesso em: 5 de jul. 2024.

A arquitetura da antiga Casa de Câmara e Cadeia é exemplar da tipologia de edifício funcional para administração e segurança públicas, e que concentrava num mesmo prédio o espaço administrativo e o da prisão. Esse tipo de construção tem suas raízes em Portugal, e foram implantadas período colonial do Brasil, perduraram no Império e serviram de base nas reformas republicanas, pós-1889.



Imagem 6: Museu Arsênio Frigo nos dias de hoje. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Além disso, essa construção nos permite observar importantes fragmentos da história administrativa do país, do Estado de São Paulo e de São José do Rio Pardo. uma vez que ela atravessou várias fases históricas do município, ou seja, de quando São José passou de freguesia de Casa Branca a Vila do Rio Pardo, e depois, de vila a município.

A Casa de Câmara e Cadeira é bem tombado a nível estadual. O Processo de Tombamento do bem no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico-Condephaat foi através do n.º 72.141/2014, A resolução de Tombamento data 26 de fevereiro de 2018. Sua inscrição no Livro do Tombo Histórico do Estado de São Paulo é a de n.º 475, páginas 147 a 148. Atualmente, nessa edificação, localiza-se o Museu Riopardense Arsênio Frigo.

Os museus são instituições permanentes abertos ao público, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, cuja missão é adquirir, preservar, pesquisar, comunicar e expor os acervos que fazem parte do patrimônio material e imaterial de dada comunidade e do seu meio envolvente, com o objetivo de educar à sociedade, contribuir para o conhecimento técnico e científico e como fonte de lazer para as pessoas. Os museus podem adquirir diversas tipologias e temáticas, a depender de seu público, curadoria e região.

O Museu Rio-pardense Arsênio Frigo foi recentemente restaurado. Seu acervo possui objetos relacionados às antigas fazendas cafeeiras da região, peças provenientes da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, utensílios domésticos, pinturas, documentos históricos, jornais, utensílios de farmácia, objetos que pertenceram a diversas personalidades históricas intimamente ligadas à história da cidade, além de objetos ligados à religiosidade. É um acervo bastante rico e plural. Ao seu lado está localizada o antigo Fórum, que hoje abriga a Biblioteca Municipal “Monteiro Lobato” e a Hemeroteca “Jornalista Paschoal Artese”. O prédio passou por diversas melhorias no final da década passada, que melhoraram sua estrutura. O acervo da biblioteca possui milhares de livros, que

podem ser consultados ou emprestados à população. Neste espaço cultural, ocorrem diversas atividades educativas e oficinas socioculturais ao longo do ano, sendo um importante aparelho cultural do município.



Imagem 7: Antigo Fórum (hoje biblioteca) nos dias de hoje. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Estação ferroviária

A estação de São José do Rio Pardo foi aberta junto com a ferrovia, em 1887, pela então Cia. do Ramal Férreo do Rio Pardo. Comprada pela Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, de Campinas, em 1888, a estação de São José do Rio Pardo ganhou seu primeiro prédio em 31 de julho de 1889, data citada pela Mogiana como sendo a de sua inauguração como ramal desta ferrovia. Na estação eram transportados café, madeiras, polvilho, tecidos, arroz, gado e diversos outros gêneros alimentícios. Pela estação circulavam pessoas, ideias e notícias, sendo um dos centros de irradiação cultural e social na São José do Rio Pardo de outrora. Na estação, chegavam também os principais jornais e telégrafos.



Imagem 8: Estação ferroviária na década de 1940. Disponível em: <https://sjrp-historias.com/2023/06/18/estacao-central/>. Acesso em: 6 de jul. 2024.

Em março de 1927, a estação ganhou uma nova configuração de edifício, que se encontra até os dias atuais. É importante frisar que há um certo padrão arquitetônico entre as estações ferroviárias da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, que buscava uniformizar suas linhas ao máximo a fim de ter identidade. A estação esteve em pleno funcionamento, com transporte de cargas e passageiros até 1977, quando foi desativada para trens devido ao desabamento de uma ponte ferroviária. Em 1985, o trem de passageiros foi reativado entre a estação e Casa Branca; porém, funcionou por pouco tempo. No início dos anos 1990, os trilhos foram retirados e o ramal, extinto. Hoje, é centro cultural do município.



Imagem 9: Estação nos dias de hoje. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Cabana de Euclides da Cunha

Euclides Rodrigues da Cunha nasceu em Cantagalo, na província do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu em 15 de agosto de 1909, na cidade do Rio de Janeiro. O escritor veio a São José do Rio Pardo em 1898, com o objetivo de projetar e reconstruir a ponte metálica sobre o rio Pardo, permanecendo na localidade até 1901.

A Cabana de Zinco, hoje Monumento Nacional desde 30 de novembro de 1937, era utilizada como escritório no período de reconstrução da ponte e onde, nas horas vagas, Euclides escrevia uma das maiores obras de nossa literatura, intitulada “Os Sertões”. Nela, segundo consta, Euclides teve a maior parte de sua inspiração para retratar na obra monumental a sua passagem pelos sertões do Nordeste, na época em que cobriu a Guerra de Canudos pelo então Jornal “Estado de S. Paulo” (Hoje Estadão). O romance “Os Sertões” foi traduzido para mais de uma dezena de línguas e uma das obras mais importantes da língua portuguesa.

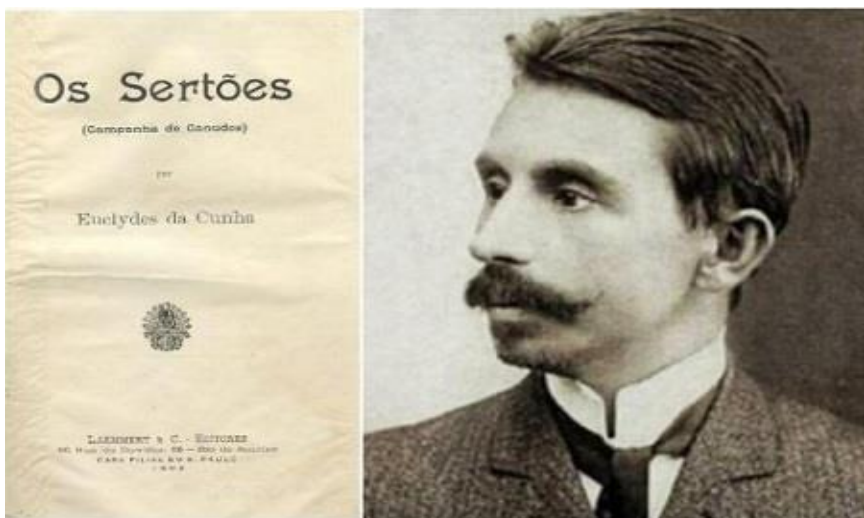


Imagem 10: Capa da obra “Os Sertões” e retrato de Euclides da Cunha.
Fonte: <https://sjrphistorias.com>. Acesso em: 5 de jul. 2024.



Imagem 11: Cabana de zinco nos anos 1940. Disponível em: <https://sjrphistorias.com>. Acesso em: 5 de jul. 2024.



Imagem 12: Cabana de zinco nos dias de hoje, já com a proteção. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Casa Euclidiana

Este bem está localizado na Rua Marechal Floriano Peixoto, n.º 105, esquina com a Rua 13 de Maio, no centro de São José do Rio Pardo. Euclides da Cunha, foi grande intelectual brasileiro e escritor do clássico da literatura mundial “Os Sertões”. Ele viveu neste sobrado com sua família nos últimos anos do século XIX, enquanto inspecionava e trabalhava como engenheiro na construção da ponte metálica sobre o Rio Pardo. Foi ainda neste lugar, entre os anos de 1898 a 1901, que ele escreveu parte da consagrada obra “Os Sertões”.

A forma original do edifício foi bastante alterada, mas o seu tombamento não se deve tanto aos aspectos arquitetônicos da casa, mas também à sua importância histórica de ordem imaterial, uma vez que parte de um dos livros mais importantes de nossa história foi redigido em seu interior. O imóvel possui no pavimento superior uma ala para conferências e, no térreo, um pequeno

museu, onde se encontram objetos, móveis, documentos e várias edições de “Os Sertões”. Ao longo dos anos ocorreram diversas exposições e atividades de Educação para o Patrimônio seu interior, contribuindo, assim, enormemente para a cultura e educação dos rio-pardenses.



Imagem 13: Casa Euclidiana em fotografia da década de 1970. Fonte: site do Condephaat. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/>. Acesso em: 6 de jul. 2024.

O processo de tombamento do bem no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico-Condephaat é o de n.º 0325/1973, tendo tido sua resolução em 4 de dezembro de 1973. A inscrição do bem no livro de Tombo Histórico é a de n.º 73, em 10 de dezembro de 1973.



Imagem 14: Casa Euclidiana atualmente. Fotos de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Mausoléu de Euclides da Cunha

Em 1982, foram trasladados do Rio de Janeiro os restos mortais de Euclides da Cunha e de seu filho, Euclides da Cunha Filho e sepultados, em 15 de agosto, no mausoléu à margem do rio Pardo. Instalada na placa de concreto, ao lado da cabeça de bronze do engenheiro e escritor, foi transcrito um trecho de sua carta, de abril de 1908, ao amigo Francisco de Escobar: “(...) que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos da margem do rio Pardo! Creio que se persistir nesta agitação estéril não produzirei mais nada de duradouro.”



Imagem 15: Vista geral do Mausoléu (à esquerda). **Imagem 16:** Placa com o fragmento da carta de Euclides da Cunha (à direita). Fotos de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

Ponte Metálica

A antiga ponte metálica de São José do Rio Pardo, sobre o rio Pardo⁴, cuja existência permitia (e permite) as ligações deste município com Mococa, Caconde parte do Sul de Minas, teve a sua construção autorizada através da Lei n.º 53, 4 de agosto de 1892. Suas obras foram iniciadas em 1896. O projeto, elaborado pelo engenheiro Heitor Georgotich, da Superintendência de Obras, definiu três lances de superestrutura metálica, assentada sobre bases de alvenaria, ficando a sua construção a cargo do engenheiro Arthur P. de Montmorency



Imagem 17: A Ponte Metálica nos dias de hoje. Foto de Bárbara Marques e Antônio Gilmar Mangussi Filho. Outubro de 2024.

A ponte possui 100 m de comprimento por 6,60 m de largura, e foi inaugurada em 19 de dezembro 1897, porém, desabou 50 dias após sua inauguração, por apresentar rachaduras em um de seus pilares. Ao saber do ocorrido, Euclides da Cunha se ofereceu para

⁴ O rio Pardo nasce na Serra do Cervo, município de Ipuiúna, no Sul do Estado de Minas Gerais. Atravessa a região noroeste do Estado de São Paulo e, após percorrer 573 Km, deságua no Rio Grande, na divisa com o Estado de Minas Gerais. Percorre cerca de doze municípios sul-mineiros e trinta e oito paulistas.

reconstruí-la e, após três anos de intensos trabalhos, a obra estava concluída e entregue ao município.

O processo de tombamento do bem no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico-Condephaat é o de n.º 20897/1979. A resolução do tombamento deu-se em 11 de maio de 1986. A inscrição do bem no livro de Tombo Histórico é a de n.º 252, de 23 de janeiro de 1987.



Imagem 18: A Ponte Metálica logo depois de desabar. Fonte: São José do Rio Pardo e suas histórias. Disponível em: <https://sjrphistorias.com/2023/06/24/ponte-euclides-da-cunha/>. Acesso em: 5 de jul. 2024. .

O processo de tombamento do bem no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico-Condephaat é o de n.º 20897/1979. A resolução do tombamento deu-se em 11 de maio de 1986. A inscrição do bem no livro de Tombo Histórico é a de n.º 252, de 23 de janeiro de 1987.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória de um povo se faz fundamental para a construção de sua própria formação, identidade e história. Assim, a preservação da história e da memória deve ser uma responsabilidade compartilhada entre as instâncias governamentais, instituições, comunidades e indivíduos. É imperativo investir em políticas públicas que fomentem a preservação do patrimônio histórico, garantindo recursos para à sua restauração e manutenção de prédios, monumentos, manifestações culturais e documentos de valor histórico. Além disso, é fundamental promover a educação para o patrimônio nas escolas, despertando o interesse das atuais e das novas gerações pela compreensão do passado, incentivando-as, assim a serem guardiãs e propagadoras de novas memórias.

Há o ditado popular de “que não se vive de passado”, o que é errôneo, uma vez se que para se compreender as transformações pelas quais a sociedade tem passado no decorrer dos tempos, faz-se necessário conhecer os fatos e contextos históricos de sua formação. Ao conhecermos e entendermos o passado, somos capazes de compreender melhor as origens dos problemas e desafios que enfrentamos no presente e, assim, planejarmos melhor o nosso futuro.

Supõe-se que, para conhecer e assimilar a história da construção da cultura de outros povos, deve-se primeiro conhecer a história da própria cultura, saber como se deu essa construção e como foi o processo de evolução e desenvolvimento dela. Essa é a premissa dessa obra, uma vez que ela se destina a conhecer mais um pouco a cultura de São José do Rio Pardo a partir de alguns de seus bens tombados. Só quando conhecemos, pode-se entender e respeitar outras culturas e sociabilidades. Ao conhecermos a nossa própria história, podemos compreender à sua importância de mantê-la viva na memória, protegê-la e valorizar suas raízes, como

forma de preservar o que somos, nossas características e nossa identidade de ser de São José do Rio Pardo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Adelino. **Paraíso perdido**: Euclides da Cunha – vida e obra. São Paulo: Ibrasa, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. **Brasil**. Revista Digital de Direito Administrativo, v. 7, n. 2, p. 147-169, 2020.

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO E TURÍSTICO DO ESTADO DE SÃO PAULO- CONDEPHAAT. **Patrimônios Tombados de São José do Rio Pardo**. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/>. Acesso em: 1 de jul. 2024.

DEL GUERRA, Rodolpho José. **A São José, Nostra Nuova Storia**. São Paulo: Grass, 1999;

DEL GUERRA, Rodolpho José. **No ventre da terra mãe (São José do Rio Pardo)**. São José do Rio Pardo, SP: Graf-Center, 2001.

PORTAL G1. **Museu e Biblioteca de Rio Pardo são tombados como patrimônio histórico**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/08/museu-e-biblioteca-de-rio-pardo-sao-tombados-como-patrimonio-historico.html>. Acesso em: 24 de out. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. São José do Rio Pardo (SP). In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 30. p. 182-188. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_29.pdf. Acesso em: 30 de junho 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL- IPHAN. **Lista dos Bens Culturais do Patrimônio Ferroviário**. Disponível em: [http:// portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_patrimonio_cultural_ferroi%C3%A1rio_dez_2015.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_patrimonio_cultural_ferroi%C3%A1rio_dez_2015.pdf). Acesso em: 28 de abr. 2017.

MATOS, Odilon N. de. **Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. Campinas: Pontes, 1990.

O PINTASILGO. **Migalhas. Site de informações**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/drppintasilgo/21088e>. Acesso em: 8 de jul. 2024.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Patrimônio Ferroviário do Estado de São Paulo: as condições de preservação e uso dos bens culturais. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]**, v. 40, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6129>. Acesso em: 14 de maio. 2024.

PAIVA, Carlos Magno de Souza; MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **Direito do Patrimônio Cultural: compêndio da legislação brasileira**. Ouro Preto, 2011.

PINTO, Liliane Faria Corrêa. **São José do Rio Pardo e sua revolta republicana**. Tese (Doutorado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas-FGV, 2014.

PORTAL DAS ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO. **Site da Prefeitura Municipal**. Disponível em: <https://saojosedorio.pardo.sp.gov.br/>. Acesso em: 9 de jul. 2024.

REZENDE, Natalia Cappellani de; PEREIRA DE CASTRO E SILVA BORTOLUCCI, Maria Angela. La influencia del ferrocarril y la estación central en la transformación del paisaje urbano de São José do Rio Pardo/SP-Brasil. **Anales de Investigación en Arquitectura**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2022. DOI: 10.18861/ania.2022.12.2.3293. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/anales-de-investigacion-en-arquitectura/article/view/3293> . Acesso em: 1 jul. 2024.

REZENDE, Natalia Cappellari de. **A cidade de São José do Rio Pardo e as moradias do Centro Histórico (1865-1940)**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo: São Carlos, 2019.

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO E SUAS HISTÓRIAS. Blog. Disponível em: <https://sjrphistorias.com/2023/06/24/ponte-euclides-da-cunha/>. Acesso em: 5 de jul. 2024.

VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TREVISAN, Amélia F. **A Ponte e a Cidade – Igreja Matriz – O Cristo Redentor Desceu na Colina – Santa Casa de Misericórdia – A Câmara Municipal de São José do Rio Pardo – Companhia Ramal Férreo do Rio**. São José do Rio Pardo: Editora: do Autor, 1980.

ANEXOS

Jogos educativos

Caça-palavras

Y	Q	B	W	V	E	R	U	T	Y	U	U	I	W	O	P	C	T	A	C	R
H	J	K	L	Ç	Z	X	C	V	B	N	M	Q	A	Z	X	C	G	F	J	T
S	T	O	O	I	A	W	D	E	R	Q	I	S	F	O	B	E	S	B	A	B
E	S	S	H	I	S	U	E	T	C	R	P	O	M	P	A	C	E	P	A	M
Ã	B	A	Q	U	E	M	O	G	I	A	N	A	F	Y	O	O	R	R	Q	T
O	L	S	E	R	C	A	F	É	C	A	R	S	C	O	L	A	T	U	E	A
S	M	U	S	E	U	E	V	I	I	N	O	B	R	O	V	Ó	Õ	O	O	Q
O	I	D	E	T	U	F	E	V	P	U	E	C	C	B	O	A	E	T	E	T
R	C	H	Y	R	N	U	I	I	K	U	I	T	R	W	X	A	S	U	L	A
O	B	E	I	D	Y	V	L	R	R	T	S	B	A	I	W	P	M	I	Ç	R
N	U	I	T	N	O	R	U	A	D	R	E	D	I	H	U	N	A	U	H	H
R	F	R	R	M	V	B	I	D	U	H	R	B	D	L	F	I	O	T	R	E
T	A	I	Q	H	O	S	O	T	E	T	T	U	O	A	V	O	T	I	Ô	Y
U	T	R	H	P	L	M	P	Y	U	A	Õ	T	C	E	B	R	L	N	U	H
V	P	N	M	U	T	E	U	P	A	C	E	P	O	V	N	I	M	C	C	U
T	Ã	I	J	T	C	P	A	F	P	A	S	D	O	B	O	R	A	C	H	C
Q	U	A	T	B	C	O	A	T	P	A	T	R	I	M	Ô	N	I	O	C	U
M	Ó	T	I	C	O	M	A	R	E	T	Q	O	C	B	O	T	X	N	V	L
P	T	M	E	M	Ó	R	I	A	M	A	T	M	Ó	R	P	Ã	I	O	V	T
O	M	V	C	X	A	E	U	H	I	K	N	F	Y	J	R	D	J	T	V	U
E	T	I	N	L	O	V	A	D	U	E	S	J	S	S	E	U	M	Ó	R	R
Ã	O	S	E	B	Y	S	T	N	Ã	O	F	P	O	L	S	A	D	E	R	A

Fonte: Ricardo Luiz de Souza

Palavras: Cultura; Memória; Pardo; História; Sertões; Café; Mogiana.

A **CULTURA** é a expressão de um povo, de uma comunidade, de um país.

O **CAFÉ** é um dos principais produtos econômicos da história de São José do Rio Pardo.

SERTÕES é uma das principais obras da Literatura do Brasil.

A **MEMÓRIA** é um direito de todo cidadão.

O rio **PARDO** é o principal curso d'água do município.

O **MUSEU** Arsênio Frigo é guardião das memórias e fontes históricas do município.

A **MOGIANA** foi uma importante ferrovia para a História de São José do Rio Pardo.

Esta obra visa apresentar e difundir a História de São José do Rio Pardo através da exposição de parte dos seus bens culturais materiais, a fim de contribuir para que as atuais e futuras gerações possam conhecê-los e protegê-los. Este mergulho na importância sociocultural dos bens culturais elencados, busca, neste material didático, divagar como eles são dotados, também, de simbolismos, de saberes, de relações afetivas, que, juntas, auxiliam no processo de pertencimento e na identidade do riopardense.



MINISTÉRIO DA
CULTURA



PREFEITURA DE

**SÃO JOSÉ
DO RIO PARDO**

